

A visão para o Exterior – Arquitectura na RFA

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Max Bill. Escola Superior de Design. Ulm, 1953-55.



Sven Backström, Leif Reinius; Departamento de Obras Públicas de Estocolmo. Vällingby perto de Estocolmo, 1952-57.

A visão para o Exterior – Arquitectura na RFA

Nos primeiros anos após a fundação da República Federal Alemã, os seus arquitectos baseavam-se naturalmente em modelos de outros países ocidentais. A Suíça, a Suécia, a Dinamarca e a Holanda eram destinos de visitas e excursões frequentes. “Uma fresca primavera sopra das construções humanizadas de uma pacífica Suíça, dos seus luminosos edifícios residenciais, escolares, administrativos, bibliotecas e casas de devoção, uma arquitectura em ligação directa com a natureza.” (Beseler, 2000)²¹.

A leveza e flexibilidade da arquitectura Suíça construída neste tempo, contaminou muitos dos projectistas na RFA, que viram nela um modelo dogmático. A Escola Superior de Design (HfG) em Ulm, é um bom exemplo. A leveza dos materiais era caracterizada pelo uso do betão aparente, da madeira e de ladrilhos mate. O desenvolvimento dos volumes paralelepípedicos do edifício em compartimentos com luz natural, em terraços, tinha o intuito de adaptar a construção ao terreno como que em camadas. A construção de novas à imagem do modelo suíço, teve especial importância na zona de ocupação americana, na qual o envolvimento político, histórico e social do indivíduo pretendia ser desde cedo financiado.

A política de habitação fora na Suécia desde 1932, social-democraticamente regida. A padronização foi largamente usada como estilo, o que causou a racionalização das empresas de construção. Mais tarde entre 1952 e 1957 foi construída Vällingby, uma das primeiras cidades satélite de Estocolmo. Este modelo urbanístico seguido na República Federal Alemã, tinha por objectivo combinar trabalho, habitar e lazer numa única urbanização. Quem aí trabalhasse também aí deveria viver e habitar, efeito que apesar de tudo era frustrado por uma conexão subterrânea de transportes. Mesmo assim Vällingby revelou ser uma solução de uma qualidade excepcional, pela sua disposição de vivendas e torres habitacionais dispostas ao longo de um terreno com declive. Reflexos deste modelo urbanístico podem encontrar-se tanto na Alemanha Ocidental, como Oriental.

August Perret, outro incontornável arquitecto francês do pós-guerra, conduziu a reconstrução de Amiens e Le Havre, baseada numa combinação da pré-fabricação moderna com a monumentalidade. Um visitante proveniente da RDA, sentir-se-ia em Le Havre um pouco como na *Stalin Allee* de Berlin.

Le Corbusier, conhecido nos anos vinte como *terrible simplificateur*, passou a ter novo reconhecimento após 1945. Coube a este elaborar o plano de reconstrução da

²¹ Herbert Rimpl. As Bases Espirituais do nosso Tempo. Munique, 1953. pág. 169.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Le Corbusier. Unité d'Habitation. Berlin-Charlottenburg, 1956-58.



Otto Apel. Edifício comercial e residencial. Frankfurt am Main, 1954-55.

cidade industrial de St. Dié (1945). Para esta cidade na Lorena, Le Corbusier pretendia edificar uma série de oito blocos residenciais em forma de barras. Também aqui o problema do *centre civique* como centro do lugar, começou a ocupar Le Corbusier.

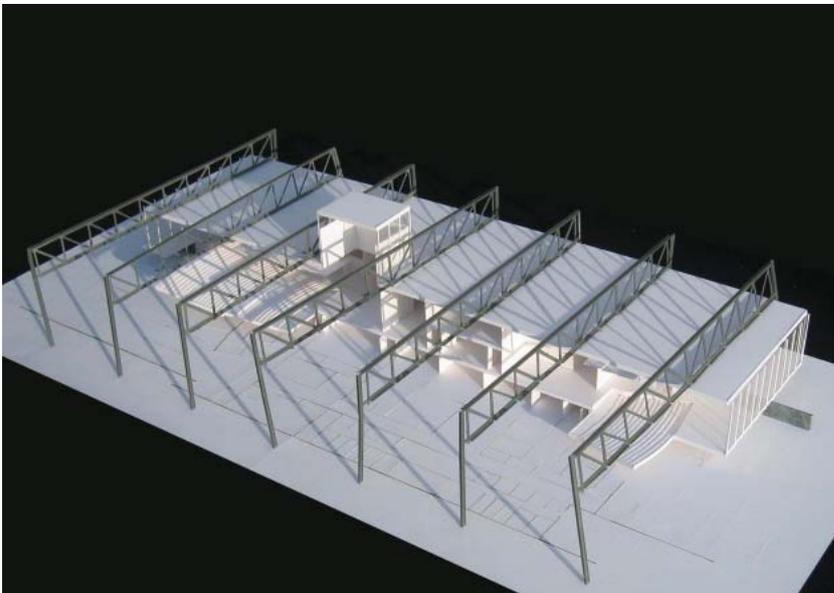
Com as *Unités d'habitation*, Le Corbusier formulou um novo modelo urbano de habitar. Um novo tipo de duplex de dois pisos, tinha o seu acesso no segundo ou terceiro andar, a partir de um corredor interior sem luz, a *rue intérieure*. O edifício era completado por um conjunto de diferentes funções, como cabeleireiro, hotel, posto de correios até cobertura verde e mesmo um jardim infantil. Os seus habitantes quase não teriam de trabalhar, visto que estes enormes blocos se propunham ser autónomos. Uma destas *Unité d'habitation* foi construída entre 1956 e 1958 em Berlim. Le Corbusier teve de chegar a um entendimento com as autoridades, uma vez que o pé-direito de 2,26 não era permitido, assim como os 2 x 2,26 metros. O mestre do sistema de medidas harmonioso Modulor teve que renunciar drasticamente o pé direito da sua *Unité d'habitation* em Berlim-Charlottenburg.

Otto Apel projectou em Frankfurt am Main, um edifício que fez lembrar uma das Villas de Le Corbusier ou mesmo a residência de estudantes da *Cité Universitaire* de Paris (1930-32). O exemplo de Frankfurt am Main foi edificado entre 1954 e 1955, tratando-se de um edifício de programa residencial, e comercial no piso zero. Apesar da elegância deste projecto, nomeadamente pelo volume de apartamentos elevado e pelo jardim na cobertura, foi parcialmente desenhado como uma galeria comercial.

Enquanto a estética do Movimento Moderno entrava lentamente em mudança após Ronchamp, o fascínio americano semelhante aos anos vinte voltava a despertar a imaginação dos arquitectos alemães. As tropas de ocupação transmitiam um pouco do seu modo de vida aos habitantes alemães, o *American way of life*. Com efeito a visão das grandes cidades americanas e dos seus arranha-céus de Chicago e Nova Iorque, levaram a que Egon Eiermann empreendesse uma viagem aos Estados Unidos da América no ano de 1950. Olhar na direcção para lá do Atlântico, significa olhar na direcção do futuro, a era da televisão e do congelador em todas as casas. Eiermann previra o fim da moral artesanal no trabalho, e a entrada do trabalhador desqualificado. O papel do arquitecto dentro do processo de construção viria a reduzir-se, e os *contractors* teriam a sua palavra perante o engenheiro e o economista. A oferta da indústria de materiais de construção e partes pré-fabricadas, seria enorme. Eiermann impressionado pela capacidade industrial da América, introduziu aos seus alunos o hábito e método de consultar os catálogos de construção.

O mercado civil das forças de ocupação também se expandiu na Alemanha Ocidental, tendo sido a firma *Skidmore, Owings and Merrill* (SOM) uma das mais conhecidas na Europa. Firmas como esta encarregaram-se das obras de muitos

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Ludwig Mies van der Rohe. Teatro Nacional. Mannheim, 1952. Projecto não realizado. Maqueta.

departamentos estatais americanos, assim edifícios de habitação em Bremen, Düsseldorf, Frankfurt am Main, Munique e Estugarda (1953-1955). A possibilidade de edificar estruturas de betão armado com grandes fachadas em “cortina de vidro”, aproximou os arquitectos alemães da Lever House de Nova Iorque (1951-1952), modelo americano de arranha-céus dos anos cinquenta.

Le Corbusier na França e Frank Lloyd Wright na América eram dois arquitectos geniais que influenciaram o pensamento e a linguagem estética dos arquitectos alemães do pós-guerra. Moderno no seu termo, não significou apenas uma soma de avanços no estabelecimento da obra até a técnicas de instalação, mas também uma fonte de particularidades estilísticas e fantasia atingidas até ao grande pormenor. A “uniformidade do conceito do projecto” não deve ser passível de cópia, dissera Eiermann (Beyme, 1991)²².

A ligação dos materiais das *Usonian Houses* com a natureza patente nas de Frank Lloyd Wright, alimentou o imaginário dos arquitectos alemães após a Segunda Guerra Mundial. As vivendas americanas transmitiam uma poderosa imagem propagandística da *american way of life* e da prosperidade socio-económica. Naturalmente que Frank Lloyd não tentava ser imitado, mas sim admirado na Alemanha-Occidental.

Convidar arquitectos estrangeiros de renome, passou a ser comum na encomenda de obras municipais e federais. Em 1957, deu-se em Berlim deu-se uma exposição internacional de construção, a qual contou com a presença de vários arquitectos mundiais convidados. Quantos mais convidados, maior seria o prestígio: Van den Broek & Backema da Holanda, Arne Jacobsen da Dinamarca e Alvar Aalto da Finlândia. Muitos destes arquitectos progrediram nas suas carreiras com a obra construída no contexto de abertura cultural da Alemanha Occidental nos anos cinquenta e sessenta. O mesmo acontece nos dias de hoje com Hans Hollein, Daniel Liebeskind ou mesmo Zaha Hadid.

Mies van der Rohe projectou-se na Alemanha federal, em 1952 com o concurso para o Teatro Nacional em Mannheim. Contudo este não foi o projecto construído, mas sim um projecto em segunda mão do arquitecto Gerhard Weber (1953-57), que tinha sido um aluno privado de Mies. A arquitectura de Weber resultava em geral acima da média, daí a escolha do seu projecto. Mies teria de esperar até 1962, ano em que concretizou o seu projecto para a Nova Galeria Nacional de Berlim.

Walter Gropius, um rival de Mies, foi logo convidado pelas autoridades americanas em 1947 para projectar para solo alemão. A sua obra mais conhecida, foi o *Bauhaus-Archiv*, inicialmente pensado para Darmstadt, foi construído em Berlim após a morte de Gropius.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Egon Hartmann, Richard Paulick, Hanns Hopp, Karl Souradny, Kurt Leucht. *Stalinallee*, Berlin, 1952-1958.

Viagem a Moscovo – Arquitectura na RDA

Viagem a Moscovo – Arquitectura na RDA

As impressões que os arquitectos ocidentais reuniram fora da Alemanha, serviram à confirmação, correcção e abertura de horizontes em arquitectura. A viagem que os arquitectos orientais empreenderam entre 12 de Abril a 25 de Maio de 1950 a Moscovo, Estalinegrado, Kiew e Leningrado, repercutiu-se numa dimensão totalmente diferente. Isto conduziu a uma mudança de paradigma da política de construção oriental, tanto a nível de pensamento e argumentação assim como de desenho e projecto. Os planos de reconstrução assim como as obras que já estavam então em curso, foram interrompidas em Berlim-Oriental, nomeadamente as linhas gerais que o Plano Colectivo de 1945-46 começara.

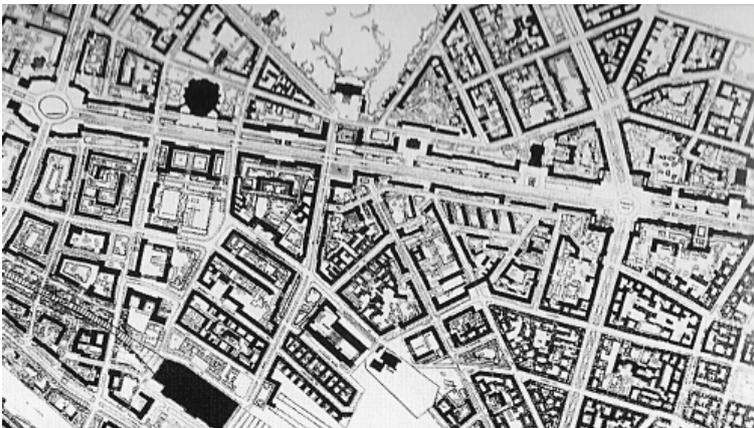
Ao contrário dos primeiros anos do pós-guerra, em que tanto a ocidente como a oriente se partilhavam das mesmas convicções acerca da arquitectura do Movimento Moderno, após 1950 começa a dar-se um fenómeno de acção e reacção. O que era construído de um lado da cidade de Berlim, era contraposto à concorrência de um projecto do outro lado. Curiosamente como se irá abordar mais tarde, após 1955 as respectivas arquitecturas dos dois lados da Cortina de Ferro voltar-se-ão a aproximar.

A viagem de Abril-Maio de 1950 à União Soviética, contou com a participação de seis arquitectos e urbanistas, entre os quais Lothar Bolz que foi o líder do grupo. Bolz foi de 1949 a 1953 Ministro das Obras Públicas, e veio mais tarde a ser Ministro dos Negócios Estrangeiros. Os membros da delegação de Bolz, trouxeram para a RDA planos de reconstrução de Berlim assim como documentos, protocolos e tratados partilhados pelos seus colegas soviéticos. Na União Soviética, as exposições, os edifícios e obras visitadas pela delegação alemã teve o objectivo de transmitir a estes arquitectos a essência da arquitectura monumental estalinista, que deveriam reproduzir na RDA. Por todos os países do bloco de Leste, nomeadamente na Polónia teve lugar o mesmo processo.

Estaline considerava “Moscovo como o modelo para todas as capitais do mundo” (Beseler, 2000)²³. Os arquitectos da União Soviética, partilhavam de preferências bem diferentes dos arquitectos da República Democrática Alemã até então. Em vez da construção de cidade verde e distanciada, a cidade compacta passava a ser agora o objectivo. Em vez de regras de higiene, diagramas de iluminação ou organização do transito, as preocupações da arquitectura na RDA teriam de se tornar na monumentalidade, na popularidade e na tradição. A rua não servia apenas de união entre dois pontos, mas também conduzir o movimento festivo de massas de

²³ Estaline. 7.9.1947. In: Deutsche Bauakademie. Arquitectura soviética. Sub-capítulo especial do jornal Deutsche Architektur. 21.12.1953.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Stalinallee, Berlim-Friedrichshain, 1952-1958. Avenida residencial e comercial publicamente representativa, baseada no emprego da tradição arquitetônica berlinense e conduzida por um modelo soviético. Arquitecto-chefe: Richard Paulick; arquitectos dos edifícios: Egon Hartmann, Hermann Henselmann, Hanns Hopp, Kurt W. Leucht, Richard Paulick, Karl Souradny.

peçoas organizadamente. Para tal seria necessário uma moldura urbana de fachadas entre oito e catorze pisos de altura, que culminariam em praças representativas. O cosmopolitismo era um dos pontos mais importantes da propaganda soviética, baseado nas diferenças culturais das variadas repúblicas soviéticas. Estaline compreendia a cultura estaria para o Socialismo, assim como a forma arquitectónica estaria para o nacionalismo.

A viragem do rumo da arquitectura na Alemanha-Oriental após 1950, faz-nos compreender a lógica dos conflitos políticos, o antagonismo do sistema que respondeu com um antagonismo da forma. Na verdade até ao início da década de cinquenta, não houve um plano de reconstrução para Berlim-Oriental, que se tivesse demarcado claramente distinto do de Berlim-Occidental. Houvera a necessidade de fazer a diferença face à classe inimiga dos democratas occidentais e da sua posição sobre nova arquitectura e ao plano de reconstrução liderado por Hans Scharoun.

Após esta primeira grande viragem na política de construção na RDA, o preço a pagar pelos arquitectos foi alto. Para os mais profissionais mais velhos, significou abdicar das bases e ensinamentos com os quais cresceram, significou perder um pedaço da sua identidade. O seu envolvimento e lealdade numa nova arquitectura socialista, culminou numa tremenda desilusão e distorção dos seus ideais originais. Henselmann construiu no início da sua carreira uma Villa, que poderia ter sido tomada por uma obra de Le Corbusier. Richard Paulick trabalhou anos a fio com Gropius, Kurt Liebkecht com Poelzig e Ernst May. Gerhard Kosel estudou com Poelzig e Bruno Taut, Edmund Collein e Selman Selmanagic na Bauhaus.

A Bauhaus deveria ter sido novamente fundada em Dessau após a guerra. Em 1947 as suas tradições académicas voltavam a ser seguidas na recém fundada Escola Superior Artística em Berlim-Weißensee. Se por um lado a Bauhaus tinha sido uma das vítimas do Fascismo, era agora novamente vítima mas do Socialismo Estalinista "Nós somos contra a Bauhaus, porque o seu estilo é o patamar máximo de cosmopolitismo imperialista, o patamar do declínio e da decadência" (Beyme, 1991)²⁴. Hannes Meyer, antigo director da Bauhaus que fora dispensado do cargo nos anos trinta pelas suas ideias marcadamente sociais ou mesmo comunistas, era visto na RDA como um arquitecto sem futuro. O funcionalismo radical de Hannes Meyer era para o comité de obras públicas da RDA claramente inimigo da arte e arquitectura soviética.

Era pedido esforço e sacrifício aos arquitectos da RDA, pois eram necessárias a construção de praças de marcha e demonstração para centenas de milhares de participantes. Os eixos e fóruns a que os arquitectos eram obrigados a projectar,

²⁴ Kurt Liebkecht na conferência cultural da amizade germano-soviética. In Architektur und Städtebau der DDR. Série de brochuras do comité alemão nacional para protecção do património 51. Bona, 1996.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Egon Hartmann, Hermann Henselmann, Hanns Hopp, Kurt W. Leucht, Richard Paulick, Karl Souradny. *Stalinallee*, Berlin-Friedrichshain, 1952-1958.

lembravam mais os planos megalómanos de Albert Speer no tempo do Nacional-Socialismo. Ao longo da história a construção de ruas triunfais dedicadas à tirania e vitória de uma ditadura foi uma constante, o caso da União Soviética e seus países satélites não foi excepção. Enquanto o Ocidente via o Bloco como uma ditadura, o Bloco via reflectido nas fachadas frias e planas das companhias comerciais ocidentais, a crueldade do capitalismo. Os políticos e projectistas do Bloco de Leste propagandeavam que “A destruição causada pelas bombas e as medidas consequentes, deu inicio à americanização do urbanismo ocidental e da sua arquitectura (...) um exemplo típico desta infiltração americana, é o objectivo de não voltar a construir a arquitectura caracteristicamente alemã, mas sim substituir no seu lugar por construções de estilo marcadamente colonialista” (Beyme, 1991)²⁵.

Ironicamente a decoração “barroca” russa, continha a mesma retórica populista que os arranha-céus de empresas automóveis ou de rebuçados, que foram construídos cinquenta anos antes em Chicago ou Nova Iorque. Para esta contradição histórica, obviamente que os políticos da RDA não tinham argumentos. Por outro lado acentuavam o novo tipo e modelo da disposição circular dos arranha-céus estalinistas em torno de Moscovo, que contrastava com o vazio do planeamento das cidades capitalistas.

Como primeiro princípio da cidade, Estaline argumentava a sua importância como forma urbana económica e cultural, de vida do Homem em sociedade. O segundo princípio, determinava que uma cidade deveria ser construída a partir da indústria e para a indústria. Este pressuposto funcional foi levado ao máximo da sua definição, em cidades fundadas do zero no pós guerra como Stalinstadt (Eisenhüttenstadt), Hoyerswerda ou mesmo *Nowa Hutta* na Polónia. Sim a cidades com verde urbano, mas não a cidades jardim. O indivíduo deveria sentir os seus direitos e satisfações concretizados ao rodear-se pela monumentalidade e pelo pormenor decorado dos edifícios estalinistas. O pormenor exprimiria a vontade de um e de todos, das massas do proletariado, do povo.

Em Berlim, a nova “cidade bonita”, começou a ser construída a partir do subúrbio Friedrichshain em direcção ao Mitte. Os avanços no campo artístico e nacional não poderiam ser exprimidos em blocos habitacionais singelos do Movimento Moderno. Tradição era a palavra de ordem. A Porta de Brandemburgo, o novo palácio-embaixada soviética, os edifícios barrocos da avenida *Unter den Linden*, os edifícios de Schinkel, a Catedral, a Câmara Municipal, a *Marien-kirche*, foram exemplos de edifícios históricos de Berlim-Oriental a partir dos quais a tradição artística e cultural berlinense procurava ser reproduzida nos novos edifícios e avenidas.

²⁵ Edmund Collein. A este impulso pede-se conteúdo. In jornal do partido comunista. Sem data disponível. Frankfurt am Main. Instituto para a História da Cidade, Frankfurt am Main.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hermann Henselmann, Rolf Göpfert. Torre em Weberwiese. Berlim-Friedrichshain, 1951-52.

O Instituto de Construção na Academia das Ciências, na qual se encontrava Scharoun, pretendia urbanizar toda a área de Friedrichshain baseada na tipologia de cidade distanciada da Carta de Atenas, blocos residenciais alternados com habitações unifamiliares de menor densidade. Contudo deste projecto não se fez ouvir mais nada. Hermann Henselmann projectou muitos das torres e blocos estalinistas-historicistas de Friedrichshain. As torres de nove pisos foram desenhadas no atelier de Henselmann, que deveria ser o ponto de partida para a vontade cultural do Estado do Proletariado. Embasamento, esquinas salientes e decoração que coroava a cobertura, era uma receita não muito diferente da que Louis Sullivan formulara sessenta anos antes para as suas torres. Numa das suas torres em Weberwiese, Henselmann seguiu o modelo moscovita, ao salientar os volumes dos cantos distintamente com a diferente caracterização e também coroação de frisos no topo. Estes mesmos volumes laterais, terminavam antes do topo do edifício, o que transmitia a imagem de um volume central a emergir dos volumes maciços laterais. A entrada era definida por dois pares de colunas de granito, frisos, parapeitos e pedra saliente no embasamento, uma composição semelhante a um *Belvedere*. Nestes edifícios eram oferecidas notáveis condições de conforto: elevador, conduta de lixo, terraços. O custo real da obra ficou muitas vezes acima do que foi registado. Contudo não se pergunta o preço de construção, quando se trata de fazer aparecer ícones. Rudolf Herrnstadt, redactor-chefe do *Neues Deutschland*, descreve com notável criticismo “tudo nestas casas é barato” (Eckhardt, 2001)²⁶. Mais tarde Henselmann confessaria de um modo algo arrependido e resignado “sim senhor, este é o comportamento e conduta certa” (Beseler, 2000)²⁷. Henselmann foi considerado o criador da Stalinallee, para descontentamento daqueles arquitectos que fizeram parte do Plano Colectivo de Berlim.

A greve e consequente sublevação de 17 de Junho de 1953, constituiu um grave revés na recém criada República Democrática Alemã. As avenidas para a marcha das massas, foi posta em uso de uma outra forma pelo povo, qual função não tinha sido a que os seus arquitectos aprenderam em Moscovo.

Após a morte do ditador em 1953, a Stalinallee passou a ser chamada de Karl-Marx-Allee. Apesar de tudo a Karl-Marx-Allee foi uma tentativa heróica de por em cena um grande *boulevard* urbano com variados usos misturados: cafés, restaurantes, cinemas, pavilhões gimno-desportivos e lojas. Este exemplo de urbanismo desempenhou um papel importante mesmo para alguns urbanistas ocidentais. “Os compartimentos largamente luminosos, o calor das superfícies de vidro, a cerâmica das fachadas, os elementos vivos das fachadas das lojas, mostra

²⁶ Rudolf Herrnstadt. Sobre o estilo da construção, o estilo político e o camarada Henselmann. In: *Neues Deutschland*, 31.7.1951.

²⁷ Rudolf Herrnstadt. Os nossos arquitectos respondem. In: *Neues Deutschland*, 3.8.1951.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Willi Stamm. Pórtico num edifício comercial e de habitação. *Antoinettenstraße*. Dessau, 1954-56.



Willi Stamm. Pórtico num edifício comercial e de habitação. *Antoinettenstraße*. Dessau, 1954-56.

na verdade o novo, que foi conseguido num decorrer ousado” (Anna, 2009)²⁸. Esta foi uma oportunidade de construir no período moderno, decorações e estética não permitida pelo Movimento Moderno: jogo de volumes que tentam expressar beleza, decoração fundamentada na história e na esperança, tudo para preencher a saudade sentimental dos seus clientes.

O ministro Bolz sustentou que a reconstrução de Berlim deveria ser o modelo para a reconstrução de todas as outras cidades alemãs como Dresden, Leipzig, Magdeburg e Rostock. O programa nacional de reconstrução contemplava da mesma forma que Berlim a edificação de estruturas monumentais e espaços de demonstração. Para os socialistas patriotas, o classicismo fora a última época de construção conotada com um ideal grandioso e democracia municipal.

“Nós encontramos-nos na área de influência da União Soviética, a qual conjuga diferentes povos, ...e todos estes povos uma cultura e arte de muitas centenas de anos” (Beyme, 1991)²⁹. Entre todas as repúblicas soviéticas, a República Democrática Alemã era o país no qual as tradições artísticas nacionais menos se fizeram sentir. Berlim fora a capital do Estado da Prússia, Estado que já se fizera sentir em toda a Europa desde as guerras napoleónicas. Quando Henselmann e os seus colegas se referiam a Karl von Gontard ou a Karl Friedrich Schinkel, como inspiração meramente berlinense, não estavam a pensar que se estavam a contradizer. Na verdade Schinkel fora sim um arquitecto ao serviço do seu país, a Prússia. Talvez por isso o revivalismo da cultura artística berlinense ou alemã em geral tenha tido tão pouca expressão relativamente a outros pontos nevrálgicos do Bloco de Leste. O símbolo do poder prussiano, o *Stadtschloss* tinha já sido eliminado, falar em geral da tradição artística prussiana era embaraçoso.

De maneira geral o estilo revivalista que varreu um pouco toda a Alemanha-Oriental na era de Estaline, não se construía a partir de associações aproximadas ou modelos exactos, mas trouxe sim em muitos dos casos um jogo gracioso e livre dos moldes do tradicionalismo. Assim em Dessau a cidade da explicação e do classicismo, pórticos com colunas foram empregues em edifícios vulgares de habitação e comércio. Em Dresden a praça *Altmarkt* foi expandida mais de duas vezes, acentuando o passado histórico, aquando aquela praça fora o ponto central da cidade. Os lados ocidental e oriental do *Altmarkt* foram construídos entre 1953 e 1956 em estilo chamado “neo-barroco de Dresden”. Contudo ironicamente este estilo reflectia mais uma época de feudalismo do que ascensão dos cidadãos livres de uma cidade. Em Leipzig a circular em torno da cidade foi remodelada de modo a expressar

²⁸ Hans Schmidt. Impressões de uma viagem à RDA. In: Deutsche Architektur 4 (1955) 8. Pág.362.

²⁹ Kurt Liebknecht. A arquitectura soviética. Expressão artística da ascensão do comunismo. In: Neues Deutschland, 26.1.1951.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES

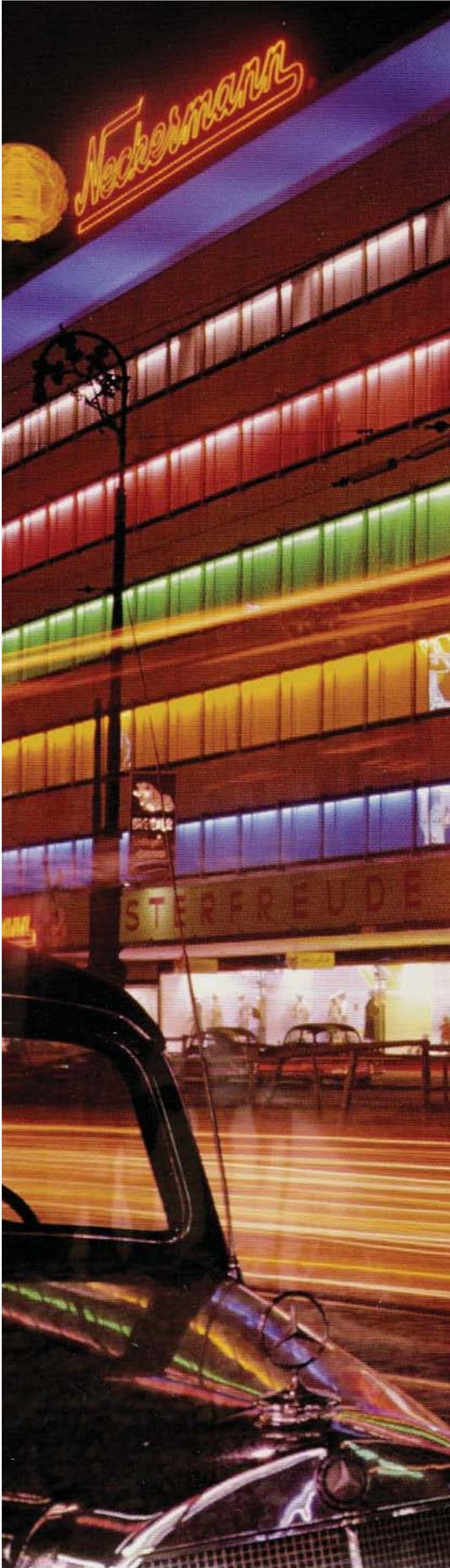


Arquitecto chefe: Joachim Nather. Hartmut Colden, Konrad Brauns, Kurt Tauscher, Albrecht Jaeger, Heiny Lösler, Carl-Heinz Pastor. Construção da Langen Straße. Rostock, 1953-59.

um eixo de demonstração para as massas. Um dos pontos mais importantes do *Ring* de Leipzig passou a ser a *Roßplatz*, onde proliferavam vitrinas, arcadas, cunhais salientes, frontões salientes, vasos, obeliscos e outras vagas lembranças do barroco de Leipzig. Todos estes elementos decoravam uma imponente estrutura habitacional convexa, variando dos sete aos nove pisos. Se por um lado a tradição antiga se tentava recuperar e reinventar, por outro as ruínas de monumentos continuavam a ser demolidas. Em 1968 foram demolidas o que restava da antiga universidade e da sua igreja. Tal acção permaneceu durante muitos anos na memória dos habitantes de Leipzig, à semelhança do que se passou em Berlim com o *Stadtschloss*.

No norte, nomeadamente em Rostock, o “Estilo Nacional” da RDA era formalizado com contrafortes, agulhas e cones, arcadas, topo com diferentes alturas e partes variadas salientes. Para o edifício na *Langen Straße*, a fachada foi revestida largamente por tijolo ladrilhado, uma tradução moderna da arquitectura comum às cidades da Liga Hanseática. De acordo com Walter Ulbricht o “estilo nacional” espelhava “o orgulho e a alegria do povo” (Beyme, 1991)³⁰. Assim como Berlim-Oriental, Magdeburg ou Dresden, também Rostock deveria ter uma torre com uma respectiva praça monumental à imagem de Moscovo e Varsóvia. Com a morte de Estaline, este e muitos outros planos de reconstrução segundo um estilo nacional foram abandonados.

³⁰ Walter Ulbricht. 1953. Citação: Werner Durth, Jörn Düwel, Niels Gutschow. *Arquitectura e urbanismo da RDA. Parte I Ostkreuz*. Frankfurt am Main, 1998



O centro das grandes cidades ocidentais iluminavam-se com os neons das grandes galerias comerciais como Neckermann. Frankfurt am Main, 1959.

Os Anos Cinquenta

Os Anos Cinquenta

Na memória de muitos alemães ocidentais, esteve o “milagre económico”, ligado à reforma económica de 20 de Junho de 1948. Ficou marcada a imagem do súbito enchimento das prateleiras e vitrinas das lojas com vegetais e pão, bebidas, roupa e electrodomésticos no final dos anos quarenta. No Outono de 1949 na República Federal o desemprego desceu dez por cento e o rebentar da crise na Coreia deu origem ao aumento do consumo e das exportações. Esta conjuntura mundial deu origem a um *boom* que se confirmou no milagre económico alemão. Em 1950 foram produzidos 500 000 automóveis, dez anos mais tarde essa mesma produção seria oito vezes maior. Acima de tudo, a prioridade dos cidadãos era ter casa ou apartamento. Com más recordações ainda recentes, o discurso típico de um presidente de câmara no início dos anos cinquenta exprimia a vontade das pessoas: “nunca mais ter fome”!

Em 1957, ainda viviam cerca de 400 000 pessoas em habitações provisórias. A década de cinquenta foi um período de contínuo crescimento económico até porque foi necessário construir constantemente. Até 1956 foram construídos cerca de três milhões de fogos financiados com fundos públicos da República Federal. O número de metros quadrados por pessoa aumentou de 15 (1950) para 24 (1968). A maioria dos novos apartamentos encontravam-se em blocos de dois a três pisos de altura, nos quais viviam várias famílias. As habitações começaram por ser dotadas de aquecimento a carvão, e sucessivamente aquecimento eléctrico, a gás, a gasóleo e por fim aquecimento central com canalização de água quente.

O novo modo de vida das pessoas não só com novas condições de conforto mas também com mais habitabilidade pelos verdes urbanos fartos, eram apoiados por todos os partidos políticos incluindo o partido comunista na República Federal. Na verdade o *boom* económico foi apoiado sobre um desenvolvimento industrial que por sua vez se sustentava numa infra-estrutura industrial muito anterior à Segunda Guerra Mundial. Para o crescimento do consumo teve muita importância a consolidação das classes médias nas grandes cidades.

Nos lares a preferência da decoração de interiores passava muito por móveis representativos, sofás maciços, peças de enquadramento em madeira, mesas baixas, candeeiros de *abat-jour*, móveis de pernas inclinadas. Estas peças de mobiliário conjugadas com a novidade dos plásticos e do *nylon*, definiram ícones de uma época. Contudo a grande maioria dos habitantes mantinham um gosto conservador, vivendo muitas das vezes em vivendas do tempo da República de Weimar. Villas, que exprimiam um sentido de habitar novo e aberto eram na verdade ainda raras. Max Bächer, Gerhart Laage, Sep Ruf, Erich Schneider-Wessling construíram casas que se

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hans Simon. Sapataria Stiller. Berlin-Charlottenburg, 1955-1957.



Rolandd Korn, Staatsratgebäude. Escadaria.
Hans-Erich Bogatzky. Berlim, 1962-1964.

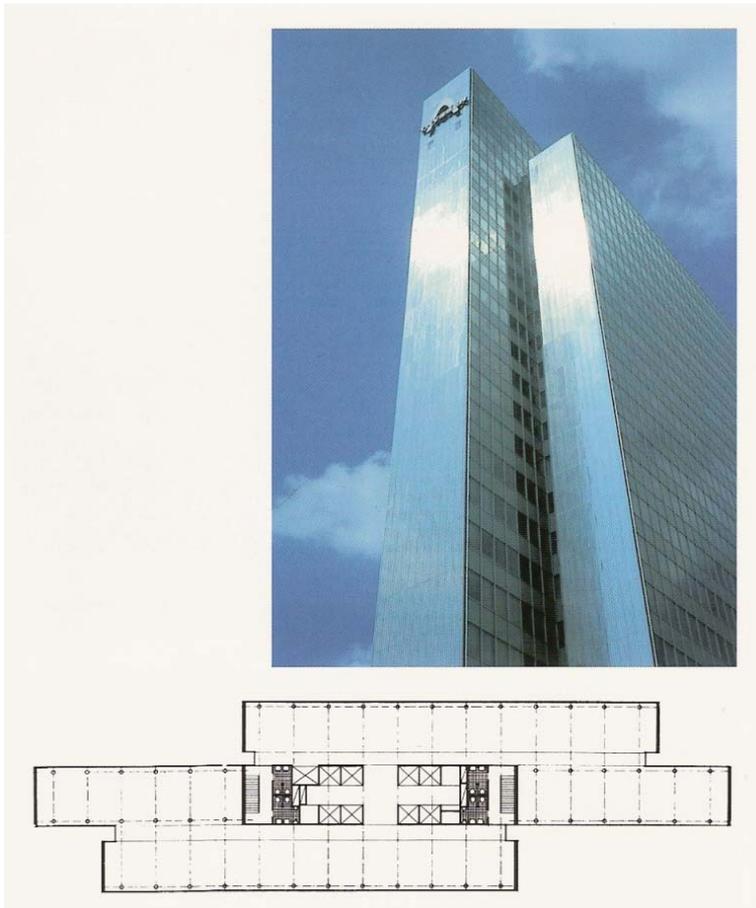
inspiraram nos modelos escandinavos ou nos *Bungalows* californianos de Richard Neutra, orientados entre a elegância e o conforto.

Esqueletos de betão armado foram empregues em massa na construção de grandes galerias comerciais e blocos de escritórios, que projectavam a identidade da sua marca nas vastas superfícies de vidro e nas enormes peças de betão em balanço na fachada. Daí resultavam caracterizações de fachada em “gaiola”, com grande severidade de sombras, resultado das imensas consolas que envolviam por vezes toda a fachada do edifício: cornijas enormes por vezes pontuadas por buracos, alpendres balançados, último piso recuado e um novo gosto de decoração com mosaicos e relevos. De noite as letras publicitárias completavam o expressionismo que a fachada transmitia de dia, acrescentando-lhe ainda uma dimensão extra. No interior destas galerias comerciais, não havia limite à imaginação. Escadarias de lanços curvos sugeriam movimento, incentivando o cliente desde a entrada a visitar a loja. Não só os produtos tentavam deliciar as pessoas como também a própria decoração: candeeiros, várias formas de iluminação, céus estrelados artificiais, pontos difusores de luz, iluminação indirecta encaminhada por superfícies onduladas e metálicas. Tijolos de vidro com diferentes estruturas e cores na fachada, constituíam uma forma híbrida entre parede e vidro. Em grande janelas de flores, a disposição das plantas recriava uma natureza, que só por si já era um produto de venda. Para completar este imaginário vegetalista, os interiores destas lojas eram equipados muitas vezes com fontes com água corrente, cujo brilho da água se reflectia nas cores cromadas, metalizadas e mate da sua envolvente. Exemplo: Sapataria Stiller em Berlim-Charlottenburg.

Tais predilecções foram comuns em ambas as Alemanhas (depois da morte de Estaline). Da mesma forma o Moderno-Oriental desenhava mesas baixas, caixilharias assimétricas, painéis artísticos, escadarias e foyers de recepção convidativos, nomeadamente para hotéis, cafés, casas de cultura, equipamentos desportivos ou mesmo edifícios de representação estatal e diplomática. Exemplo: *Staatsratsgebäude* em Berlim.

Esta arquitectura “luminosa” do final dos anos cinquenta, foi uma tentativa de transmitir optimismo após anos em que os alemães viveram em *bunkers* escuros e húmidos ou outras estruturas subterrâneas análogas. A leveza ideal atingiu também o exterior da arquitectura no decorrer dos anos cinquenta. As estruturas de suporte passaram para o interior dos edifícios, o que permitiu a construção de vastas fachadas de vidro com formas variadas. Os pilares ora de betão ora de aço, jogava no interior do edifício com a trama de vidro enquadrada numa grelha metálica. Esta arquitectura da total transparência, foi construída lado a lado com a arquitectura da macividade

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Helmut Hentrich, Hubert Petschnigg. Torre Phoenix-Rheinrohr (Thyssen). Düsseldorf, 1957-1960.



Sep Ruf. Academia de Belas Artes de Nuremberga. Nuremberga, 1950-1954.

dos edifícios preexistentes, que sobreviveram à guerra. Em muitos dos casos este contraste era propositado, tentando distinguir o velho e o novo, sem qualquer medo ou recolhimento. Contudo a reconstrução de uma cidade inteira baseada neste princípio não teve repercussões significativas na Alemanha-Occidental.

O volume puro e azul esverdeado da Lever House (1950-51) de Nova Iorque serviu de modelo ideal a muitos arquitectos alemães occidentais. Paul Schneider-Esleben projectou a *Hochhaus Mannesmann* (1952-55) em Düsseldorf, tendo sido pedido expressamente pelo dono da obra, o contraste em relação ao edifício monumental de Peter Behrens mesmo ao lado. Apesar de dar continuidade à receita da Lever House, Paul schneider-Esleben surpreendeu pelo desenho dos pilares redondos em contacto com o solo e o uso de placagem metálica azulada abaixo das janelas, de modo a dar a imagem da fachada como uma grelha. Tal grelha da fachada poderia continuar infinitamente, visto o tratamento uniforme do edifício por todo o seu volume elevado em *pilotis*. Contudo este edifício não agradou particularmente a ninguém e muito menos a outros arquitectos de Düsseldorf. A torre Phoenix-Rheinrohr (Thyssen) também em Düsseldorf foi outro exemplo paradigmático. Este arranha-céus foi dos que mais se aproximou da mensagem minimalista da Lever House, através da transparência e leveza das três "fatias" verticais que compõem o seu volume. Tanto arquitectos como dono da obra queriam reproduzir um pouco dos arranha-céus nos Estados Unidos da América, o seu país adorado. Aquando a visita dos arquitectos alemães de occidente aos ateliers americanos, a frase largamente difundida era "apenas deverão construir estes projectos" (Beyme, 1991)³¹. A torre Phoenix-Reihnrohr, constituída por três "fatias" de aço, fora mandada construir curiosamente por uma companhia de produção de aço! A imagem icónica deste edifício teve portanto um enorme êxito publicitário no mercado.

Na Academia de Belas Artes de Nuremberga (1950-54) os ensinamentos norte-americanos foram conduzidos muito próximo do limite. O arquitecto Sep Ruf, foi sem dúvida um dos mestres do minimalismo, tendo desenhado para esta academia pormenores e detalhes da mais elegante sofisticação. Pilares de aço extra finos suportavam uma cobertura de betão armado igualmente extra fina. Tanto os pilares para as caixilharias como os pavilhões para a envolvente, estavam numa perfeita harmonia e serenidade. O facto do edifício não constituir um único bloco mas sim vários pavilhões ligados entre si por corredores, contribuiu para a aparência incrivelmente leve e descomprometida desta obra.

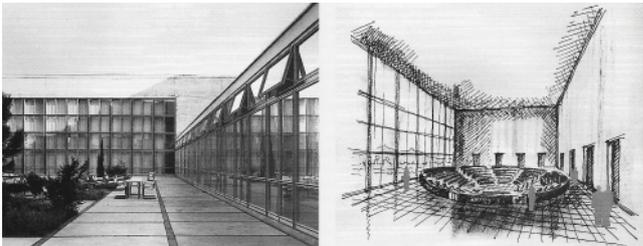
A Expo58 em Bruxelas foi uma excelente oportunidade que os arquitectos occidentais da Alemanha, tiveram para demonstrar os seus avanços técnicos e

³¹ Helmut Hentrich. Tempo de Construção. Apontamentos da vida de um arquitecto. Düsseldorf, 1995. pág. 224.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Egon Eiermann, Sep Ruf. Pavilhão Alemão na Exposição Mundial de Bruxelas. Bruxelas, 1956-58.



Hanns Schwippert. Sala do parlamento alemão. Bona, Novembro de 1948. Projecto.



Egon Eiermann. Torre „Lager Eugen“. Bona, 1965-69.

arquitectónicos. O pavilhão da Alemanha-Occidental era constituído por um conjunto de construções cúbicas de diferentes tamanhos, ligadas entre si por percursos cobertos. Toda a estrutura encontrava-se suspensa por uma estrutura metálica de peças ocas de secção quadrada, sobre a qual repousavam os pisos. O carácter efémero desta construção não era apenas metafórico, mas também condicionado por razões de ordem prática e funcional: aquando a construção, não se poderia abater nenhuma árvore do parque, e o pavilhão seria desmontado no fim da exposição. Egon Eiermann apostou neste seu projecto, pela discricção da cor dos materiais e pelo minimalismo e serenidade do conjunto. As lamelas dos estores, lembravam quase os estores de papel de arroz de um templo japonês.

Ao contrário dos parlamentos tradicionais encerrados em si mesmo, a nova sala parlamentar em Bona_ representava a nova sociedade de abertura. Em 1948, Hans Schwippert projectou este espaço que seria inundado de luz por uma imensa vidraça virada para o rio Reno: “Eu desejei, que a terra alemã visse os trabalhos parlamentares (...) instrumentos simples, que servem e não tem nada a esconder, do exterior a sala deixa perceber o movimento das pessoas e os pensamentos das coisas” (Anna, 2009)³². A disposição em circulo completo dos lugares deste parlamento simbolizava a cooperação comum de todos em torno da Alemanha-Occidental, em vez das posições de ataque e defesa do antigo parlamento *Reichstag* em Berlim.

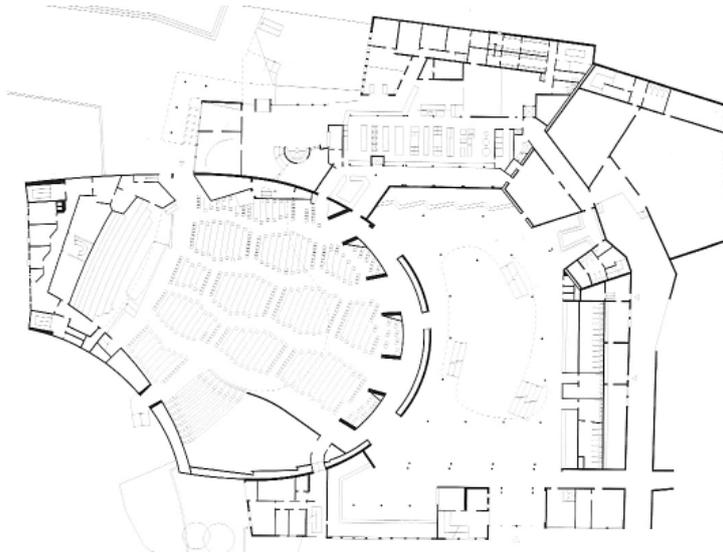
A *Abgeordneten-hochhaus “Langer Eugen”* também construída em Bona foi um bom exemplo do gosto de Eiermann pelas estruturas de aço. Este arquitecto de grande importância adorava a clareza e a “aristocracia” do aço e desprezava o betão “plebeu”, esta “lama” de misturas deformada. As cargas e suporte das forças deveriam ser rigorosamente representadas em expostas nas fachadas, num jogo entre elementos estruturais primários e secundários. Entre os “andaimos” que envolviam este edifício, foram instalados uma rede de placas de protecção solar que davam às diferentes partes do edifício a sua profundidade de espaço para o respectivo compartimento. A embaixada alemã em Washington foi construída também por Eiermann baseada no mesmo modelo rigoroso.

Se Egon Eiermann estabelecido em Karlsruhe tinha o seu próprio modelo de arquitectura, no resto da Alemanha-Occidental outras ideias também tinham lugar na década de cinquenta. Em Berlim predominava a arquitectura orgânica de Hans Scharoun e em Estugarda a “segunda escola” na universidade técnica destacava-se pelo seu decorativismo pluralista de Rolf Gutbier e Rolf Gutbrod, e a objectividade e conservadorismo de Günter Wilhelm.

Os anos vinte foram os anos por excelência de construção dos *Siedlung*, os

³² Hans Schwippert. A Casa Federal de Bona. In: *Neue Bauwelt* 6 (1951) 17. pág. 65.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Adolf Abel, Rolf Gutbrod. Liederkreis. Estugarda, 1951-56.



Werner Ruhnau, Ortwin Rave, Max von Hansen. Teatro Municipal. Gelsenkirchen, 1954-59.

anos oitenta os anos da construção de museus. Que tipo de edifícios fascinaram nos anos cinquenta? Desde os anos cinquenta até ao início dos anos setenta, foi o período de construção de igrejas. As novas periferias das cidades da República Federal, pediam a construção de novas igrejas para as suas respectivas paróquias. O novo paradigma incluía a “participação activa dos crentes”, segundo o qual o tecto de uma sala comum unia sacerdotes e leigos. Tanto as sociedades de fé católica como de fé protestante procuraram a proximidade ao altar. A orientação do espaço centralizado foi portando muito tentada. A forma exterior artística de muitas destas igrejas inspiradas em Ronchamp, contrastavam com os imensos bairros monótonos das periferias. Também se pretendiam marcar ícones com estas igrejas.

A quase totalidade dos teatros e salas de concertos das grandes cidades alemãs foram destruídos ou danificados no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Por isso a sua reparação, reconstrução ou substituição por novos edifícios envolveu o envolvimento e discussão de muitos cidadãos e presidentes de câmara. Muitos teatros foram reconstruídos no sentido de aumentar a variedade de funções oferecidas, como por exemplo servir também de estúdio experimental de encenação de peças de teatro.

Tanto arquitectos ocidentais como orientais ocupavam a sua imaginação na concepção de Foyer, salas de recepção social e salas de espectáculo de grande dimensão espacial. A proporção do volume social para o volume técnico do edifício cultural, foi tendendo a igualar-se na proporção de um para um.

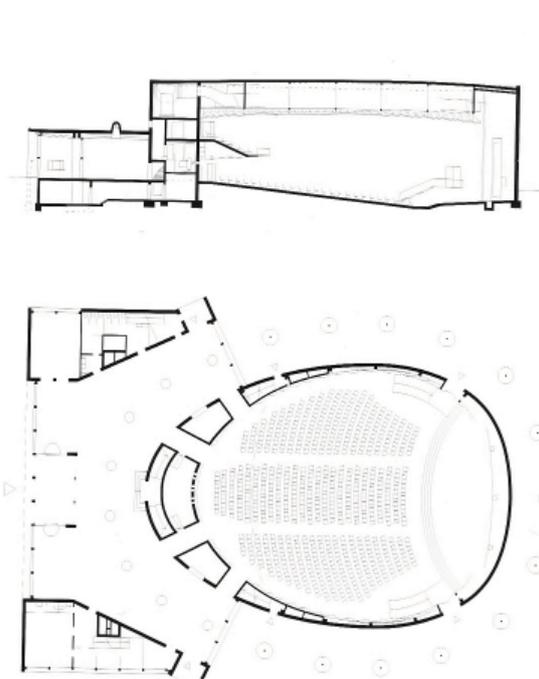
Para a *Liederhalle* em Estugarda (1951-56), Adolf Abel e Rolf Gutbrod projectaram uma composição livre de três salas de concerto diferentes não ligadas a eixo, mas unidas por uma antecâmara de dois pisos. Esta antecâmara constituiu o centro do conjunto, em vez da sala de concerto maior. O desenvolvimento livre do edifício sobre o lugar, reflectia a sua envolvente descomprometida, localizada no limite do centro da cidade.

O teatro da cidade de Gelsenkirchen, mais pareceu ter sido projectado por Mies van der Rohe. A imensa fachada de vidro do volume quadrático do foyer, expunha para o exterior o movimento das sombras das pessoas que se deslocavam no seu interior em dias de espectáculos.

Na sala oval do cinema *Kosmos* em Berlim-Oriental, podiam assistir exactamente 1001 espectadores a uma sessão da sétima arte. Este cinema fora construído estrategicamente perpendicularmente à Karl-Marx-Allee, marcando um ponto de socialização importante.

Nestes edifícios, a ilusão não desempenhava só um papel importante sobre a tela, mas também no que toca à decoração de todo o espaço de chegada à sala de espectáculo. Bancadas em forma ondulada, efeitos de luz, tectos escamados e

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Josef Kaiser, Günter Kunert. Teatro-Cinema Kosmos. Berlim, 1956, 1959-63.

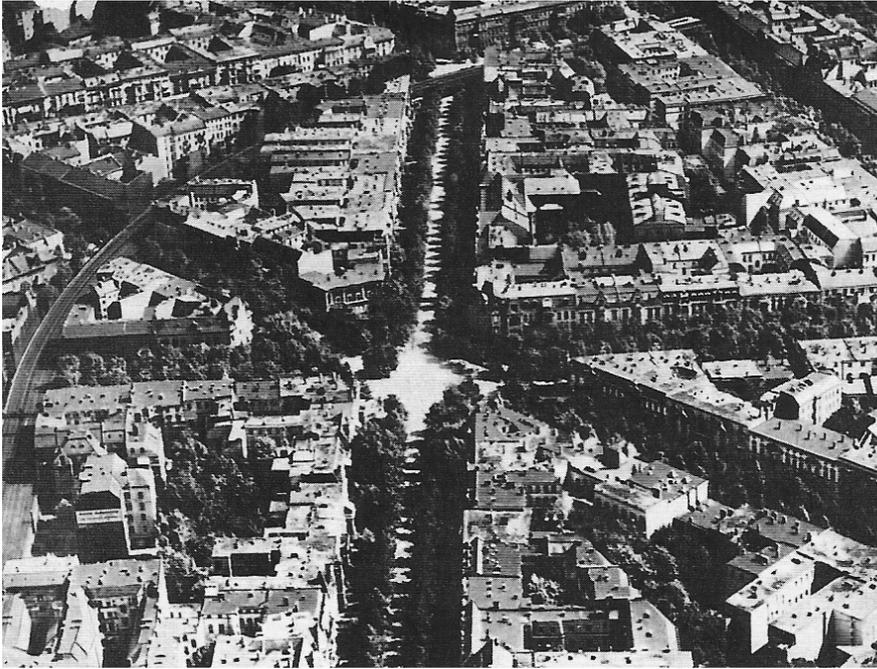
paredes almofadadas ou com saliências, ditavam um espaço luxuoso de sonho antes da tela se iluminar. Paul Bode, um arquitecto de Kassel era um mestre neste tipo de decoração. Por vezes eram instaladas fontes de água iluminadas no interior dos teatros; um dos seus cinemas em Kassel foi apelidado de *Kaskade*.



Erich John, Relógio das Horas Mundiais, Alexanderplatz, Berlim, 1969.

O Movimento Moderno como Contestação ao Sistema

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hansaviertel. Berlim, século XIX.



Reconstrução do *Hansaviertel*, por ocasião da "Interbau", 1957.

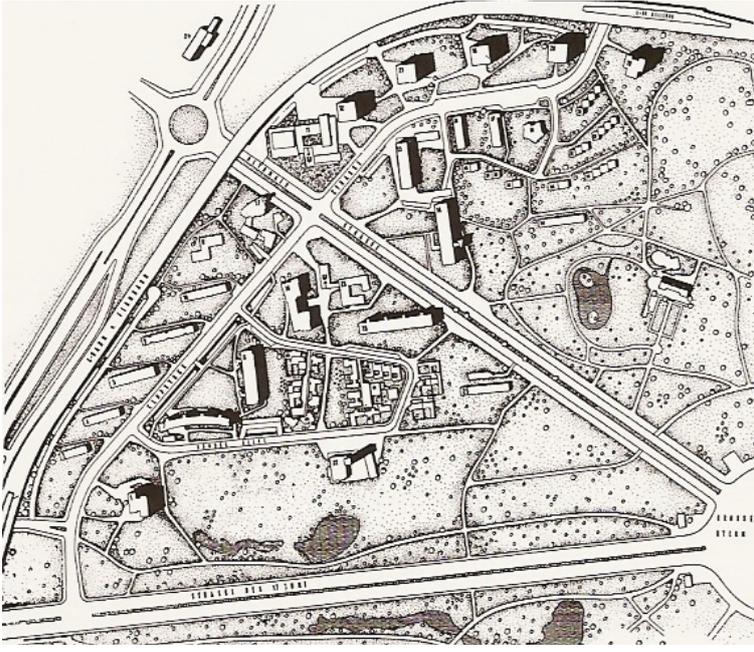
O Movimento Moderno como Contestação ao Sistema

O desejo de diferenciação em relação à ênfase nas tradições nacionais praticadas na República Democrática Alemã e a preocupação de criar ambientes reconhecivelmente “democráticos”, fizeram com que rapidamente ganhasse importância na República Federal da Alemanha a orientação por aquilo que se fazia em termos internacionais em construção. Estes esforços tiveram uma expressão propagandisticamente eficaz na “Interbau”, um evento com grande participação de países estrangeiros que teve lugar em Berlim Ocidental em 1957, onde foi apresentado com grande sucesso um estilo internacional;

Durante os anos 1960 e 1970, seguindo os exemplos escandinavo e francês, tiveram lugar, tanto na República Federal da Alemanha como na República Democrática Alemã, acesos debates sobre o emprego maciço de sistemas de construção prefabricados. Sobretudo na construção de habitações, a produção industrial de tipos estandarizados prometia uma clara redução de custos. Mas esta tendência não foi apenas consequência de considerações de teor económico, como fica claro no papel vanguardista assumido por numerosos arquitectos que já antes se tinham preocupado com a qualidade estética da construção em série. Enquanto na RFA, a crise da indústria de construção nos anos 1970 reduziu, por motivos económicos, a produção em série a alguns elementos isolados e quase eliminou por completo os sistemas de construção com painéis, na RDA esta forma de construção prevista a longo prazo nos planos estatais de produção continuou a dominar o trabalho de projecção dos arquitectos, marcando para sempre o aspecto dos espaços construídos do país.

A exposição *Interbau* foi um balanço. Ela mostrou uma visão geral do que os anos de reconstrução trouxeram e para onde o Moderno reanimado conduziria a arquitectura. Foi acordado reconstruir exemplarmente um quarteirão do centro de Berlim. A escolha recaiu sobre o *Hansaviertel*, um lugar privilegiado pela proximidade do *Tiergarten* e dos terminais de transportes ferroviários *S-Bahn* e *U-Bahn*. Os novos critérios de urbanismo de então foram tidos em conta na reconstrução do Hansaviertel, tais como a inserção de verdes urbanos, a salubridade e o maior distanciamento das construções. O *Hansaviertel* original fora construído na sua origem no final do século XIX por prédios de cinco pisos, construídos numa base de grande densidade até ao interior dos quarteirões, do que resultavam pátios interiores onde mal entrava a luz e mal se renovava o ar. A reconstrução desta área urbana constituiu um contraste exemplar com o passado. O concurso de 1953 foi ganho por Willy Kreuer e Gerhard

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hansaviertel (Exposição Interbau). Berlim, 1954-57. Plano geral. Torres distribuídas ao longo do *S-Bahn* (metro de superfície).

Jobst "O Homem livre não quer viver nem em acampamentos, nem em barracas de trabalhadores ligadas entre si. Num lugar natural estão os edifícios uns para os outros à semelhança das pessoas que conversam entre si, se viram ou tentam compreender a sua posição. Não uma ordem em banda e compacta, mas sim uma ordem distanciada" (Anna, 2009)³³. Os blocos habitacionais dispostos em posições variadas sobre o terreno, garantiam aos habitantes não a liberdade da disposição perpendicular como no *Siedlung Karlsruhe-Dammerstock*, mas a liberdade total, representativa de uma sociedade livre. Em plena Guerra Fria, o *Hansaviertel* foi um marco arquitectónico de contraste com o programa de reconstrução de Berlim-Oriental. A recepção crítica no meio oriental ao *Hansaviertel* foi naturalmente negativa: "alavancas poderosas para a aproximação dos dois lados e sua reunificação numa ocupação imperialista da nossa pátria dividida" (Beyme, 1991)³⁴. A *Stalinallee*, fora populisticamente propagandeada também junto dos cidadãos ocidentais, que até 1961 puderam visitar Berlim-Oriental.

O *Hansaviertel* "deve mostrar, o que entendemos como decente para as cidades modernas em oposição à falsa pompa da *Stalinallee*" (Beseler, 2000)³⁵. A exposição Interbau fez por isso parte da campanha, no conflito ocidente-oriental. Desde a partição da cidade de Berlim, que a parte ocidental era vista como a montra do mundo livre e também do bem-estar material. "Esta é a função desta cidade por detrás da Cortina de Ferro, mostrar aos habitantes de uma zona cada vez mais empobrecida e pilhada [Berlim-Oriental], que a vida em liberdade também é economicamente possível"³⁶.

Os ideais principais da arquitectura do *Hansaviertel* baseavam-se nos cânones dos anos cinquenta no ocidente: leve, alegre, habitável, solene, colorido, radiante e aconchegado. O conceito de "solene" era o único vocábulo também aceite no plano urbanístico de Berlim-Oriental.

Contudo alguns aspectos no projecto do *Hansaviertel* também desapontaram muitos. Por detrás das mudanças estiveram pressões. Os interesses dos antigos e novos proprietários dos terrenos foram menosprezados. Como muitos arquitectos defenderam em alternativa, tinha sido tomada uma melhor opção na construção de unidades mais pequenas em maior número do que a construção de apenas alguns grandes blocos. Além disso, a principal via de trânsito que cortava o *Hansaviertel* em duas partes, continuou a revelar-se uma barreira demasiado evidente. De algum modo o sentido de urbanidade não foi conseguido. Os edifícios colocados sobre o

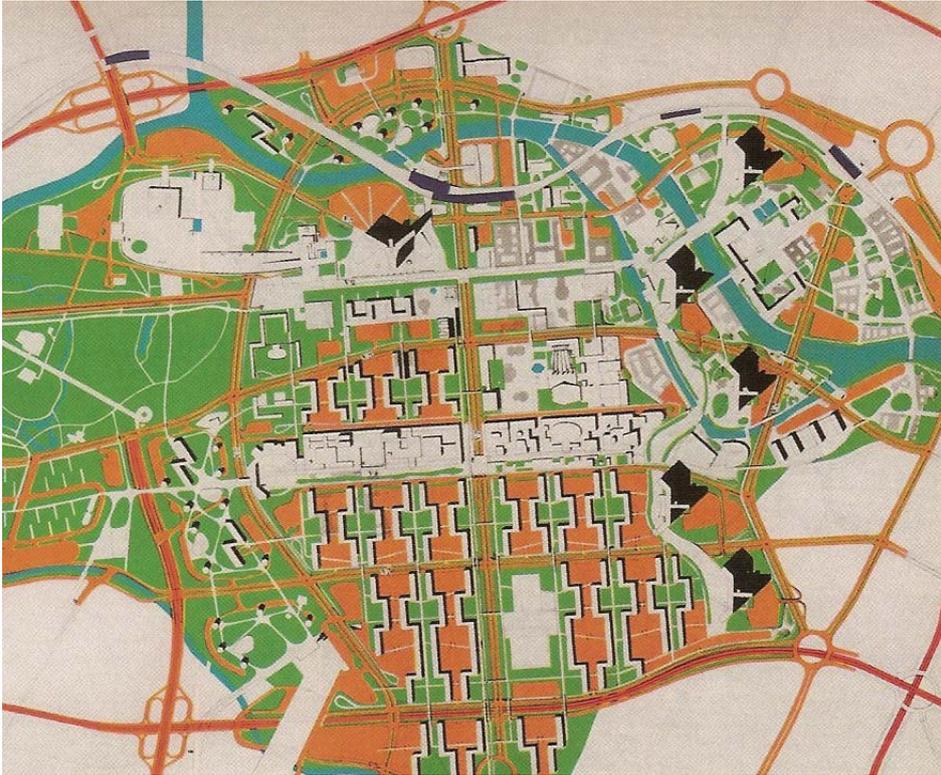
³³ Gerhard Jobst. Ordem no Urbanismo. In: *Bauwelt* 45 (1954) 3. pág.48.

³⁴ Ernst Hoffman. Problemas ideológicos na arquitectura. In: *Deutsche Architektur* 1 (1952) 2. pág.74.

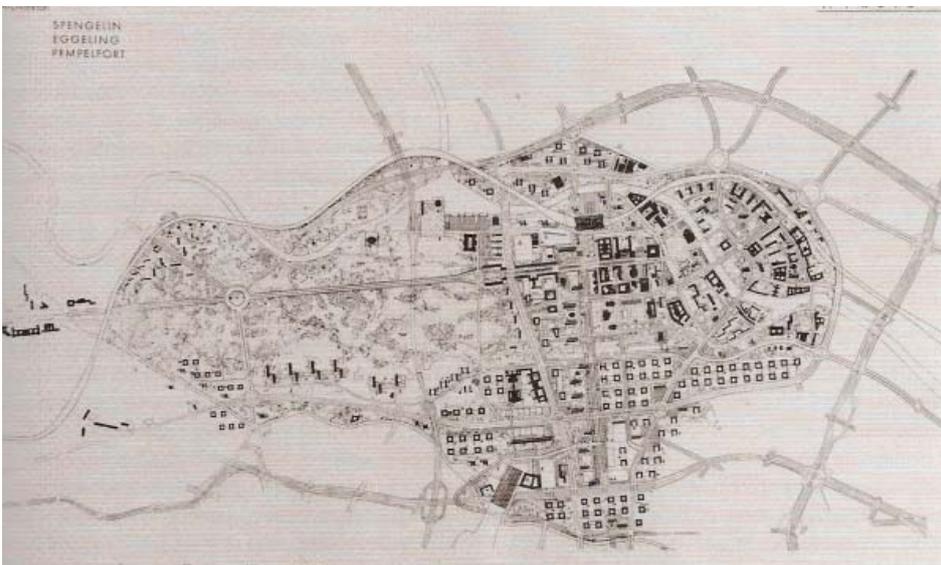
³⁵ Karl Mahler. Exposição internacional de construção 1956. In: *Bauwelt* 44 (1953) 53. pág. 682.

³⁶ Ernst Reuter. 1949. Citação Johann Friedrich Geist, Klaus Kürvers. *Das Berliner Mietshaus*. Parte 3 1945-1989. Munique, 1989. pág. 354.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Le Corbusier. Concurso Capital Berlim. 1957-58.



Fritz Eggeling, Gerd Pempelfort, Friedrich Spengelin. Concurso Capital Berlim. 1957-58.
1º Prémio.

terreno estavam "só por estar". Entretanto a natureza encarregara-se de fazer o seu trabalho.

Ao todo participaram 54 arquitectos de treze países na exposição Interbau. Graças a mestres estrangeiros, foi de agradecer soluções diferentes e inovadoras. Os arquitectos holandeses Broek & Bakema projectaram um novo tipo de apartamentos duplex numa torre, jogando com metade do pé direito e evitando a deprimida *rue intérieure* das *Unités d'Habitation*. Alvar Aalto projectou apartamentos constituídos por um compartimento central, a partir do qual derivavam todos os outros compartimentos secundários. Para famílias sem crianças, este sistema era ideal uma vez que se poupavam áreas interiores normalmente reservadas a corredores. Mies van der Rohe não aceitou o convite de construir nada no *Hansaviertel*.

Apesar da divisão de Berlim, os arquitectos ocidentais preocuparam-se em projectar planos de reconstrução para toda a cidade, como alternativa ao plano conservador de Berlim-Oriental. O centro *Mitte* e o eixo histórico *Unter den Linden* foram delimitados dentro do sector soviético, separando portanto a sua ligação ao Tiergarten. Por isso, o senado de Berlim-Occidental assim como o governo federal publicaram em 1957 o concurso *Capital Berlim*, que visava compensar esta falha com a eficácia de um projecto geral influente. Desde o Tiergarten até à Alexanderplatz, concentrava-se a concorrência sobre uma única área. Por esta altura já estava a ser concretizado o "Plano Nacional de Reconstrução" da RDA, que englobava a totalidade da cidade de Berlim.

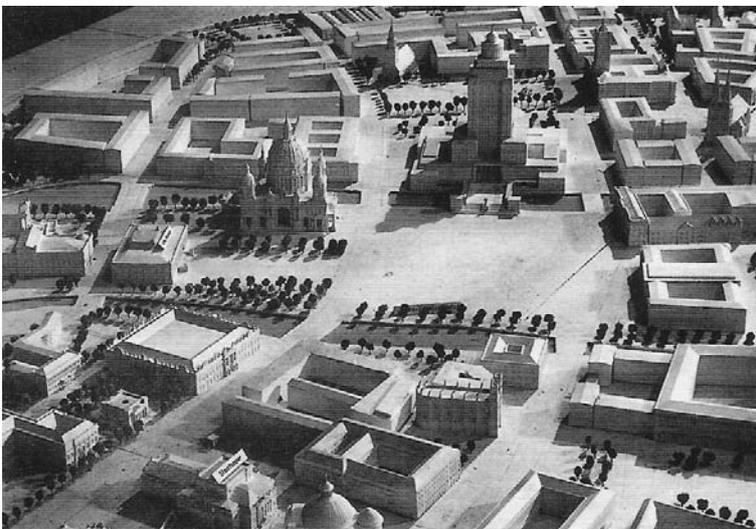
Os resultados do concurso *Capital Berlim*, mostraram o quão a vanguarda estava disposta a desistir da cidade antiga e seus respectivos espaços habitáveis. Construir uma rede de auto-estradas urbanas ao longo da cidade, sobreposta a uma malha de blocos em serpente que rodeariam a *downtown*. Grandes nós de ligação a auto-estradas significaria uma destruição do preexistente em larga escala. Tal facto não pareceu irritar os arquitectos participantes no concurso. Le Corbusier de Paris, Scharoun de Berlin, Peter e Alison Smithson de Londres e muitos outros, preocuparam-se com a fluência do transito, zonas pedonais ao nível do solo ou elevadas em plataformas e a divisão da cidade em zonas de diferentes funções. Os escritórios da zona comercial estariam dispostos como uma bateria de volumes, interrompidos pontualmente pelos monumentos que eventualmente tivessem restado.

O primeiro prémio foi ganho por uma proposta menos radical que a dos grandes arquitectos conhecidos. A equipa de Fritz Eggeling, Gerd Pempelfort e Friedrich Spengelin propuseram a construção de um espelho de água na proximidade do *Reichstag* contíguo a uma imensa plataforma. O modelo para este projecto não foi *Germania*, mas apenas Brasília. Se por um lado os quarteirões quadráticos faziam

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hermann Henselmann. Centro da Capital com torre de televisão. Berlim, 1959. Maqueta.



Richard Paulick. Centro da Capital com Arranha-Céus. Berlim 1952. Maqueta.



Alexanderplatz vista da torre de televisão.

lembrar um pouco a geometria da cidade antiga, por outro este projecto deixaria os restos da cidade antiga praticamente intactos, e construiria em seu torno uma malha ordenada e regular.

Após a implosão do *Stadtschloss* em Berlim-Oriental, o perímetro vazio definia uma imensa superfície quase tão grande como a Praça Vermelha em Moscovo. Desde 1950 os pensamentos dos arquitectos orientais voltaram-se para a construção de um arranha-céu no limite oriental da praça, do outro lado do rio Spree. Esta utopia socialista inspirada no Palácio da Ciência e das Culturas de Varsóvia ou no projecto para o Palácio dos Sovietes de Moscovo, foi abandonada após a morte de Estaline.

Nos anos seguintes à morte do ditador soviético, foram projectadas diversas variantes para o espaço em torno da Schlossplatz. Hermann Henselmann previra para este espaço a edificação de uma torre de televisão, a qual estaria a eixo com um imenso fórum até à *Alexanderplatz*. A elegância de uma sala de congresso em forma de cesto colocada na margem oriental do rio, culminaria na esbeltez da torre de televisão que divulgaria o “sinal do socialismo” entre a população. A torre de televisão de 365 metros de altura não foi construída na Schlossplatz, mas sim na Alexanderplatz. A forma esférica do seu topo remete-nos para o imaginário da era espacial soviética, nomeadamente para a forma da cápsula do *Sputnik*. Quanto ao imenso fórum previsto, não foi concretizado. Em vez deste a imensa superfície entre o rio e a torre de televisão foi deixada vazia. De cada lado foram construídos blocos habitacionais, com dois pisos de contacto com o solo reservados à área comercial.

Em Dezembro de 1954 deu-se um acontecimento que determinou a mudança da política construtiva em todo o Bloco de Leste. O sucessor de Estaline, Nikita Chruschtschow dirigiu-se em Moscovo ao Congresso da União, colocando em questão o rumo seguido da arquitectura soviética. A construção de habitação não fora humanamente conseguida. A arquitectura monumental estalinista fora construída a um preço demasiado caro, olhando apenas as bonitas fachadas e tendo deturpado muitas das vezes regras artesanais. Em Abril de 1955, o secretário geral do partido comunista da RDA Walter Ulbricht, deu continuidade a Chruschtschow e inaugurou a primeira conferência com o mote “construir melhor, mais rápido e mais barato”. Contudo a nova arquitectura teria de se continuar a diferenciar claramente “cosmopolitismo” ocidental, e por isso o critério de beleza não deveria mais ter tido em conta. Em 1955 uma nova delegação da RDA rumou a Moscovo para estudar os últimos desenvolvimentos da arquitectura soviética. A partir de então o ministério das obras públicas de Gerhard Kosel, tomou o exemplo para a RDA e dedicou-se aos primeiros ensaios a nível de pré-fabricação. Face a esta viragem estratégica

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Josef Kaiser, Heinz Aust. Cinema "International", Berlim, 1961-1963.



Josef Kaiser, Horst Bauer. Café Moscovito, Karl-Marx-Allee, Berlim, 1961-1964.



Berhard Hermkes. Ernst-Reuter-Platz. Berlim-Charlottenburg, 1955, 1956-62.

completa, o crítico de arquitectura Bruno Flierl tentou desculpar-se dizendo: “o dono público da obra era ainda historicamente muito jovem, para levantar a arquitectura sobre um solo seguro e ocupar um conceito próprio”³⁷.

Completar a *Stalinallee* (1959-65) com base na sua unidade inicial, constituiu uma preocupação prática e política. Por isso os novos arquitectos Josef Kaiser e Werner Dutschke foram ordenados por arquitectos mais velhos como Edmund Collein. Os novos blocos habitacionais prefabricados foram construídos ao longo da *Stalinallee*, no seguimento dos edifícios estalinistas, de modo a tentar encerrar o imenso boulevard na sua etapa final até à *Alexanderplatz*.

O novo urbanismo deveria basear-se na disposição livre dos blocos e pavilhões, deixando estes de constituir uma “parede” que encerrava outrora a rua. A nova decoração das fachadas passaria a ser as juntas entre os blocos prefabricados, facilmente reconhecíveis sobre a fachada. A largura das novas ruas também foi aumentada, nomeadamente na *Stalinallee*, dos noventa para os cento e vinte e cinco metros de largura. Esta viragem no rumo da arquitectura socialista, voltou a aproximar a construção do mundo ocidental e o bloco comunista. Assim como logo a seguir ao fim da Segunda Guerra Mundial, tanto os projectistas da República Federal Alemã como da República Democrática Alemã voltavam a construir cidades nos cânones do Movimento Moderno. No final dos anos cinquenta, a situação construída no interior das cidades dos dois estados era muito semelhante: volumes edificadas ao longo de vastas superfícies, nas quais se incluíam grandes infra-estruturas rodoviárias ao serviço da prioridade do trânsito. Com efeito, a distribuição dos edifícios em torno da *Alexanderplatz* (1964-69), não se distanciava muito do conceito da *Ernst-Reuter-Platz* (1955-62) em Berlim-Occidental. Na *Alexanderplatz* foi reservada uma grande superfície para pedestres, decorada com um relógio de horas mundial e uma fonte de amizade entre os povos. Toda a superfície restante em maior número de metros quadrados foi reservada ao trânsito automóvel. Curiosamente o centro da *Ernst-Reuter-Platz* também contava com uma fonte, superfícies pedonais e vias em seu redor.

No balanço geral, a *Alexanderplatz* pareceu funcionar melhor que o seu contraponto estéril em Berlim-Occidental. Desde a mistura de funções à distribuição do trânsito em vários níveis, a *Alexanderplatz* revelou-se um sucesso. No meio de galerias comerciais, hotéis e até uma sala de congressos, ocorriam um conjunto de actividades espontâneas feitas pelas pessoas que aí se reuniam. Apesar da proximidade da universidade técnica, a *Ernst-Reuter-Platz* era menos vertenciada para a vida da população devido à concentração de bancos e escritórios.

³⁷ Bruno Flierl. In: Hermann Henselmann. Pensamentos, ideias, edifícios, projectos. Berlim, 1978. pág.40.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hans Konrad, Kurt Röthig, Peter Sniegon. Hotéis e apartamentos na *Prager Straße* .
Dresden, 1962, 1965-78.

Na RDA as ideias utópicas de reconstrução dos primeiros anos do pós-guerra, voltaram a ser actuais no fim dos anos cinquenta. As ruas pedonais voltaram a ser projectadas com lojas-pavilhão de um ou dois pisos, rodeadas perpendicularmente por blocos de habitação ou de escritórios. Através do direito de expropriação do Estado, puderam ser realizados tais complexos em escala muito maior que em muitos dos casos ocidentais. A *Prager Straße* em Dresden foi dos casos mais opulentos. Esta rua pedonal era o ponto de chegada das pessoas que desciam do comboio na Hauptbahnhof. Após o grande Hotel Newa, seguia-se-lhe um imponente bloco residencial de 240 metros de comprimento e doze pisos, oposto a três outros hotéis paralelos construídos perpendicularmente, do outro lado da rua. Entre estas estruturas, foram construídos na rua pedonal dois pavilhões de lojas. A *Prager Straße* funcionava um pouco como um eixo norte-sul da cidade de Dresden, conduzindo os passageiros de chegada à cidade para norte em direcção à cidade velha. Outros exemplos de urbanismo análogo foram construídos em Chemnitz (*Karl-Marx-Stadt*), a *Straße der Nationen*, ou em Magdeburg a *Karl-Marx-Straße (Breiter Weg)*. Neste último caso um conjunto de pérgolas de betão ligavam os grandes edifícios uns com os outros, muito análogo à *Lijnbaan* de Roterdão, a mãe de todas as ruas pedonais. Particularmente na RDA, a decoração das superfícies pedonais tornou-se um ícone pelo uso de vasos de flores e de água, artefactos, esculturas, murais e fontes. Em 1960, foi determinada na primeira conferência da Academia de Arquitectura, a requalificação das pequenas e médias cidades em estilo socialista. Isto significava a demolição de muitos dos edifícios que sobreviveram a guerra e que nos anos sessenta ainda estavam de pé. A ordem política determinava a substituição de edificado velho, por edificado novo. Por sorte a maioria das pequenas cidades não localizadas na periferia de grandes centros urbanos, escaparam a esta onda de demolições.

Na República Federal Alemã, as cidades satélite foram o alvo de intervenções complexas. Na zona comercial da Nordweststadt nos subúrbios de Frankfurt am Main, os consumidores eram canalizados ao longo de pontes e plataformas desenvolvidas em três níveis. Esta foi uma tentativa em acentuar a espacialidade de um sistema urbano aberto, a socialização de uma comunidade pluralista. O resultado de tentativas como esta nem sempre foram conseguidas. O cinza do betão brutalista das grandes estruturas e a grande superfície de estacionamento, tornaram muitas das cidades satélites pouco atractivas. Quer se estivesse a construir num centro histórico ou num subúrbio o resultado seria sempre o mesmo, pois o conforto do peão exige a construção de ruas de cargas e descargas para as lojas e parques de estacionamento. Esta era a "terra de ninguém". Grandes rentabilidades de terreno exigiam por outro lado grandes superfícies para ocupação de infra-estruturas.

DE LESTE A OCIDENTE: DUAS RECONSTRUÇÕES



Hermann Henselmann, Bernhard Geyer, Jörg Streitparth. *Haus des Lehrers*. Berlim, 1961-64. Detalhe da fachada norte.